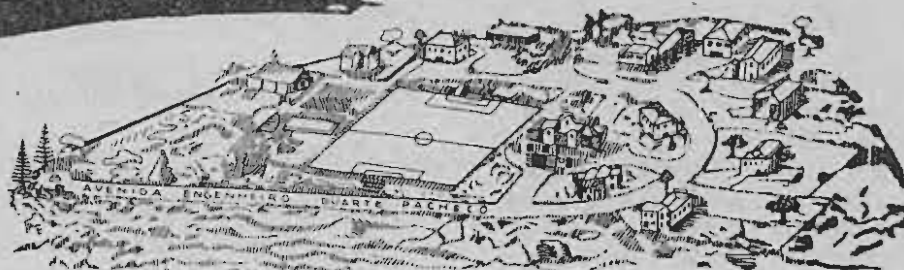




# O Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—195  
Preço 1\$00

## VIDA NOVA

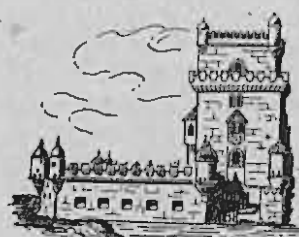
Assim chamamos nós à Debandada dos Rapazes de Paço de Sousa que terminaram o tempo e fizeram o seu exame da 4.ª classe. Debandada para os Lares do Porto e de S. João da Madeira. Os chefes daquelas casas, tinham estado aqui ambos e cada um por sua vez a pescar. A escolher. Cada um queria para si o melhor. Mas isso não pode ser. Nem nós temos cá o bom nem se permitiria que eles fizessem escolha. Cada um aceitou o dote que lhe foi enviado e nós também ficamos com alguns rapazes nas nossas oficinas, sem escolher.

Eles é que escolheram ficar nas oficinas. Damos em seguida os nomes dos felizes que começam Vida Nova, para inteiro conhecimento dos nossos leitores. Para o Lar do Porto foram o Joaquim de Cinfães, o Récio da Murtoza, o João Mendes, o Moléstia, o Tangerina e o Zé da Cidreira. O Xancaxé não havia de ir, mas afinal sempre foi. Eu vou contar. No dia do seu exame, em Penafiel, ele comprou um assobio a uma vendeira de brinquedos de barro. Comprou um assobio e surripou uma cântara e foi fazer exame. Estando ele no acto, eis que a vendeira aparece à porta da sala a pedir o que era seu. *Práqui já a minha cântara.* O acto foi suspenso até se apurar a verdade. Xancaxé, amargamente criticado. Uma vez em casa, os companheiros vieram-se queixar de que o Xancaxé os tinha deixado ficar mal e disseram-me de como as coisas se tinham passado. À noite, nas escadas da capela, ouve aqui um tribunal medonho. Convidou-se o réu a dizer por palavras suas, aquilo que todos já sabiam. O pequeno vem ao meio, põe os olhos no chão e não fala. Instado, cala-se. De novo convidado, começa, mas a voz embarga-se nas lágrimas. Soluça. Não pode falar. Havia silêncio. O auditório enchia por completo os degraus da capela. No poente viam-se barras de fogo. Deu-se a audiência por terminada e todos foram para as suas casas. No dia seguinte chamei o Rogério e disse que ele tinha de ficar mais um ano à prova. Não podia ir com os outros para um emprego. Porém, tanta força fez o chefe do Lar por mais um rapaz que eu decidi mandar o antigo faltoso. Xancaxé hoje faz parte do Lar do Porto. Vamos a ver. Para o Lar de S. João da Madeira foram o Manuel Risonho e o General e o Linhas e o Zé de Arouca e o Daniel e o Fática, o qual fez exame de admissão e por especial obséquio do Sr. Dr. Vascon-

celos, vai estudar no colégio Castilho. Nas oficinas de Paço de Sousa ficou o Neca na padaria, o Francisco no campo, o Pastelão carpinteiro, Russo e Tino tipógrafos, Arnaldo carpinteiro, Caminha pedreiro, Reco sapateiro, Bento no campo, Juvelino sapateiro, Tejelina sapateiro, Rogério Marques carpinteiro, Malhado alfaiate e Fernando Miranda no campo. O Manuel Jorge está em Vizela numa fábrica de tecidos do Sr. Oliveira; com ele foi também o Hélio. Os dois estão entregues ao particular cuidado do mestre da fábrica, a ver se faz do primeiro um mestre dos nossos teares.

Os Lares, como muitas vezes aqui se tem afirmado, são um complemento feliz e necessário da nossa obra. Sem eles não nos poderíamos expandir. Outra nota agradável, é o verificar que em todos os lugares aonde os temos, o Comércio e a Indústria esperam por nós. Têm muita confiança no nosso rapaz. Os nossos telefones são muitas vezes ocupados a pedir mais um. Louvemos o Senhor. Enquanto se regista com muita alegria este facto, eu devo, no entanto, lembrar aos senhores que nos procuram, que os nossos rapazes não são escolhidos. Nós aceitamos os que nos batem à porta. As Estatísticas Universais dão uma pequena percentagem de aproveitamento nas obras do rapaz abandonado. Por isso nós trememos quando nos pedem rapazes e tornamos a fazê-lo quando deles nos dizem bem. A minha vida é tremer.

O Lar devia ser uma parte integrante de toda e qualquer obra da natureza da nossa. Uma vez que não tenha família, quer o rapaz



## Aqui, LISBOA!

Depois de um dia de intensa agitação pelas ruas de Lisboa, e por essas estradas fora, que bem me sabem estes momentos que estou a disfrutar sentado à sombra dum cruzeiro, junto ao mar da Ericeira!

O sol está a mergulhar no Oceano, sopra uma brisa suave, as traineiras dirigem-se ao local onde, durante a noite, vão lançar a rede. Ali em baixo, vinte dos nossos rapazes, bem alimentados, olham a estrada de lume que o sol deixa atrás de si.

Desde 1790 que esta cruz estende os braços aos que ao longe gosam os mares e aos transeuntes que junto dela se descobrem e vão à labuta da vida. Há três anos que junto dela nos vimos acolher também.

As colónias de férias, em boa hora começadas, hão-de continuar. Elas são a escola de treino dos futuros Padres da Rua. Tudo foi organizado por um deles. E nada faltou para que tudo fosse perfeito: nem o raminho de salsa, nem o D. D. T., nem a caixa de fósforos. Os Padres da Rua têm de ter dedo de dona de casa.

Para os rapazes, é mais uma oportunidade de se encontrarem. O Preto está radiante porque o jantar lhe saiu

quer a rapariga, necessitam de um lar que faça as suas vezes, quando houverem de sair das casas onde estiveram. Não sendo assim, é prejuízo do esforço, do zelo e do dinheiro que se gastou nas ditas casas. A nossa experiência do Lar dá-nos ensejo de falar muito alto e acertadamente. Se não nos quizerem escutar, maior a culpa. Aqui há tempos um alto funcionário dizia-me que a nossa obra é notabilíssima, sim, mas não é de imitar. Claro está que não há

[CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA]



Eis aqui o Fernando Cid, que hoje ganha o seu pão na avenida dos Combatentes, próximo da Rua Costa Cabral a fornecer gasolina. Esta rua é que dá saída ao trânsito do Minho. Os senhores não se esqueçam e procurem esta bomba. Previam-se ali. Tem mais força. Dura mais e não é mais cara.

apetitoso; todos o gabam e dão vivas ao cosinheiro. Os mais raquíticos vão poupar-nos umas centenas de escudos, pelo ano fora, com a farmácia. A todos se proporciona ocasião de cuidarem também do espírito.

O mais pequenino vem perguntar-me se o mar é maior que o tanque da nossa quinta, e onde é que está o motor que enche o mar de tanta água...

—O motor, meu filho, está lá em cima: é Deus! E o pequenino faz mais uma pergunta inocente:

—E quem é que dá o comer à gente? É o Menino Jesus?

—Quem faz o comer é o Preto, mas quem cava as batatas, e o arroz e o pão, e quem diz ao coração dos homens bons que nos mandam dinheiro para comprar tudo, sim, é o Menino Jesus.

É ainda sentado junto da cruz que passam pela imaginação todas as horas de alvoroço daquele dia.

Tinha atravessado a Calçada dos Barbadinhos de porta a porta. Dum lado e doutro surgem figuras repelentes, bem pouco de humanas.

—Venha ali ao n.º. 13 que a minha mãe está doente.

—É aqui que eu moro, Padre! Chama-vam outro. Era um pobre paralítico com cinco filhos todos marcados pela doença.

—Venha também aqui que o meu marido teve um ataque, e o médico diz que não tem cura!

Na loja da mãe do Mário é agora uma agência de passaportes. Vão ali muitas mães a suplicar que traga algum dos seus filhos para a Casa do Gaiato. Já não posso aparecer em dia nem horas certas para que a procissão dos pedintes não entrave a marcha.

Por fim mais uma notícia chocante: A tia Conceição, aquela que prestava assistência constante e carinhosa a alguns doentes do bairro, e que morava numa pobre choupana de trapos, com um metro cúbico de espaço ocupável, tinha caído na rua.

A polícia levou-a ao hospital. Não mais falou. O Mário percorreu todos os bancos dos hospitais e lá foi dar com ela num deles. Mais me disseram que pouco depois faleceu e que ninguém apareceu para fazer-lhe o enterro.

—E já lá vão cinco dias, Padre, e a pobre não tem quem a lance à terra...

Ao chegar a casa esperava-me uma notícia alegre: Um amigo comunicava que a «Sacor» deu 14 contos para uma casa para pobres e que os administradores davam mais quatro do seu bolso.

Graças a Deus! Será a primeira casa no Tojal. Anteriormente alguém deixou no Montepio 100\$. e duma repartição que não sei determinar, alguém levantou a voz e colheu 700\$ e alguns centavos.

Isto deu-me uma alma nova. Ao menos terei o prazer de deitar fogo a uma barraca e dar uma casa a um pobre.

A noite entretanto cevou-se. Um passarinho veio ainda pousar no topo da cruz.

Cantou uma canção ao Criador e foi esconder-se num tufo de tojos para passar a noite.

Também elevo a minha alma ao Criador e deixo a repousar da fadiga do dia.

PADRE ADRIANO

## CARTA ABERTA AOS DA COMPANHIA DE DIAMANTES

Eu pedi e o Júlio foi buscar o mapa, para ver aonde fica situada a região dos diamantes. E' muito no interior. Vê-se de lá o Congo dos belgas e até me parece que o filão começa em casa deles e termina na nossa. Depois de ter examinado o lugar, pedi ao Avelino que me dissesse o número de fichas e o rapaz informa que passam de setenta os empregados da companhia que recebem o Gaiato. Eles devem ser muito mais, já se vê. Mas um chega. Um de entre eles que arda, é suficiente para atear o fogo e fazer que os mais ardam. Esta é mesmo a condição. O simples fumo dá fumaças. Por haver um a arder é que se deu aquele incendio nos escritórios da Sacor, em Lisboa, de que se falou há tempos nas colunas deste. E é justamente isto que hoje venho aqui lembrar, com toda a minha presença. Eu estou nestas letras inteirinho. Mal esta notícia aí chegue e comece a ser lida por todos, haja um que se levante e fale por todos. A faulta!

Primeiramente aos seus colegas de carteira, depois aos distantes: os das minas, o das máquinas, os dos armazéns. Todas as secções, todas as idades, todos os credos, todas as cores. Entre estes, arranja-se o dinheiro de uma casa mobilada, catorze deles.

A seguir, vai-se ós Grandes. Estes, que, na altura, concederam a devida licença para a subscrição, vão agora, fazê-lo também. Um diamante, que pode ser montanha de luz, precisa de luz para brilhar. Não a tem de casa. Não é luz da luz. Os senhores administradores da companhia, precisam, como qualquer outro mortal, entrar e considerar estas verdades. A luz está nisto que hoje aqui se pede; uma casa. Não uma qualquer, não senhor. É uma casa para um indigente. Mas então ele há homens que não têm casa nem com que paguem a renda duma? Há? Há sim senhor. E são mais estes do que os outros! Muito e muito mais! O simples sentido da nossa responsabilidade social, já seria alguma coisa para temer esta notícia, mas ele há mais. Há a doutrina de S. Paulo sobre o corpo místico de Jesus que é um canon da Igreja. Cada um de nós é membro desse corpo. Se um adoce, todo o corpo se ressent. Esta doutrina é luz que vem da Luz; não precisa de luz para brilhar. Têm-na de casa. Quanto mais preciosa do que os diamantes!

Ora muito bem. Nós ficamos à espera. Por nós entenda-se os gaiatos. Foi deles que partiu a ideia de casas para os pobres. Eles é que são. E eu, em nome deles, faço meu o seu desejo. Esperamos poder levantar duas casas por conta dos Administradores e Pessoal da Companhia dos Diamantes. Será um peso na balança; alguma coisa que se mostre no dia do Juízo.

Que os diamantes ali não valem nada! Cá ficamos à espera.

### PROPAGAI

«O Gaiato»

Angariando novos assinantes

# Agora

**Ficamos em 131.600\$00**

Ora queiram ler este pedacinho que veio dentro duma carta de Lourenço Marques com 50 escudos lá dentro:

«Li esse "Agora" ou "casas para pobres" tanta e tanta vez como se estivesse a decorá-lo. Parecia que as letras da notícia tinham relevo, tinham vida. Por tudo. Já há muito tempo que eu me aflijo com esse problema de habitação de pobres ou remediados — guardadas as proporções. Nas grandes cidades é aflitivo: os pobres em tocas; a classe média arrumada em exíguas prateliras — e só de um lado — de armários casas. Penso mesmo que parte da desagregação familiar provém disso. Andando na rua, come-se pelos restaurantes e casas de chá, porque mal se cabe em casa. Em Lisboa acontece isto muitas vezes na classe pobre: uma família vive numa casa velha de renda barata, 80\$ ou 100\$. Podia viver lá decentemente, modestamente, mas não; por pobreza de facto, ou por ganância, sub aluga por 100\$ ou 150\$ o melhor quarto a um hospedeiro que frequentes vezes é um polícia, um marinheiro, enfim um solteirão ou só solteiro, que não raro vai perturbar a pureza do viver dessa família. Conheci um caso destes. Por isso nas cidades é muito difícil resolver o problema dos pobres. Tudo foge das aldeias e nas cidades torna-se tão difícil o alojamento que as tocas se enchem e se multiplicam mesmo em lugares que não seriam de tocas».

Alcobça leva 40 escudos. Lisboa vai com 20 deles. Oliveira de Azeméis apresenta-se com uma chave de vinte escudos. Curros leva 100\$. Castelo da Maia vai com 30\$. Façam favor de se arrumar e deixem passar a Beira que leva uma pedra de 110\$.

«Sou cristã mas não católica praticante, talvez por ver quão mal interpretada é a religião por aqueles que fazendo dela sua única razão de ser, deviam seguir os ensinamentos de Cristo numa vida toda humildade e renúncia».

Os senhores deixem passar quem passa. É o Ultramar que fala. Um casal de Milhíros vai com 250\$. Adélia de Felgueiras quer entileirar com 100\$ no que ela chama a procissão dos 1.200 contos. Lisboa vai aqui com uma fechadura de 100\$ e esquece a injustiça dos homens que podem e não querem...

Os senhores arrumem-se outra vez. Afastem-se. Passa agora uma bandeira... O Caramulo leva caixilhos no montante de 100\$. *Que Deus lhe dê tanta saúde para poder mostrar aos que poderiam e nada ou quase nada fazem.*

Isto vem nos caixilhos. Os senhores façam o favor de tornar a parar e olhar e a meditar. Vai aqui a bandeira do Caramulo. A Maria Amélia leva duas pequeninas pedras e não quer que eu olhe para o carimbo do correio. A Maria Madalena leva 50\$. O Zézito leva um vidro de 70\$. Vamos a ver se ele lá chega inteiro... Um que *desejava ter um lar* e é do Porto, manda 100\$ para o Património dos Pobres. *Já que não posso deixar uma casinha aos meus filhos, ajudo quanto posso os que podem menos do que eu.* Os senhores tenham paciência. Ora vá; mais um jeitinho. Passa a bandeira do Porto. 100 escudos de telhas de meus filhos. Pedras de Castelo Branco no valor de 100\$. Vai um senhor do Rio de Janeiro com 250\$. *Pelas melhoras do meu neto mando umas telhas, 100\$.* Outra vez o Caramulo com uma telha de 100\$. Quantos males se haviam de curar naquela Serra de bons ares, se todos ali ocupassem a mente nestes belos pensamentos, mas eu cuido que não... Mais duas telhas de 10\$ cada uma. O Dundo que é na África Ocidental, vai aqui com uma pedra de 100\$. Mais 2.000\$ para a mobília de uma casa. Mais uma grande encomenda de roupas. Mais idem que a *Senhora dos Pobres* tem deixado no Lar do Porto. Mais outra caixa de lençóis de linho com alfazema lá dentro! Mas é possível Senhor? É. Eu vi. Eu cheirei. Eu apalpei com as minhas mãos pecadoras. Lençóis de linho para a cama dos pobres. Se não

## CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

O Avelino deu-me hoje a novidade ao entrar no escritório com um maço de cartas: *vem aqui cartas do Ultramar*. Dantes dizia-se Colónias; Ministério das Colónias. Hoje não. Hoje quer-se mais aproximação, não vão elas fugir de nós, e chama-se-lhes Portugal Ultramarino. Pois eram oito cartas sem senhor. A primeira que eu abri era de Benguela. Era do pessoal do Caminho de Ferro de Benguela. Uma lista com 60 nomes, que de hoje em diante ficam sendo outros tantos assinantes. Tem graça que, sendo eles, a julgar pelos seus nomes, de categorias diferentes, cada um subscrive com o preço da tabela: 30 milreizinhos. Gosto assim. Quem quiser dar mais que o faça por outras vias, porém, ali, não há grandes nem pequenos, não há servos nem senhores. São todos iguais. Diante de *O Gaiato* não há escolhas. Trinta angolares e acabou. Dentro da carta com a formosa lista, vinha também o cheque. Pagamento adiantado. Mais rendimento, mais oportunidade de trabalhar. Eu cá não sei, mas creio bem que o colosso da C P, na Metrópole, não conta sessenta assinantes no seu grémio. Mais valentes os filhos do que a mãe! Mais força no Ultramar! As restantes cartas, de outras vilas e lugares, eram todas com selos de passarinhos. São portadoras de listas com nomes de portugueses e muitas saudades de Portugal. Uma delas do Chai Chai, que hoje se diz João Belo; esta carta, digo, era uma labareda! Outras, doutros sítios, também ardiam. Tete tornou com nova lista! Nota-se naquelas cartas uma grande e sincera aflição por saberem, da leitura do jornal, coisas que até ali ignoravam... É uma revelação que causa uma revolução. Eu tenho de ser muito sóbrio e não devo nem quero mergulhar o pincel em tintas, que a verdade, por ser o que é, não sofre alterações. Chora-se no Ultramar. Vibra-se no Ultramar. Há-de vir tempo em que o Gaiato será ali o prato do dia.

As queixas de expedição afrouxaram. São raras. E que o Avelino tem-se despachado e também as listas têm vindo agora em menos quantidade. Mas chegam todos os dias. Algumas são preenchidas por pessoas que mal sabem escrever e nós experimentamos por isso dificuldade em decifrar. Enquanto o faço, vou meditando de como é possível os que não sabem ler dar lições aos chamados sábios. Uma destas listas de quem sabe muito pouco, escreveu-nos uma carta amarga e queixosa, com cem escudos lá dentro. Dera uma volta pela cidade e não encontrou ninguém. Todos lhe diziam que não e ela, a pobre, disse que sim! Por estes caixilhos diferentes, mas nenhum deles errados, vamos prós cinquenta mil. Ninguém duvide. Ninguém procure as causas aonde elas não estão. Nem estilo, nem prestígio, nem saber, nem popularidade nem sorte, nem os tempos, nem o medo. Ninguém pro ure as causas aonde elas se não encontram. Vá-se à Justiça. É só nente por amor dela que nós vamos a caminho da meta. Justiça, por ser um atributo de Deus, é também beleza. As lágrimas do Ultramar são um fruto desta beleza. A criança que ontem precisava, sem ter qu m nem aonde e hoje tem uma coisa e outra; essa criança constitui por si a suprema beleza da nossa obra. Deus ama necessariamente esta beleza. Eis a razão do formidável sucesso. Temos à vista o que pretendemos; cinquenta mil.

tivesse disso a certeza, eu afirmava agora que Deus existe. Mas ele não é preciso dizer-se. Agora Gouveia com 100\$. O Porto com 20\$. Tudo quanto uma vicentina mandou para as casas recebeu se. Uma firma da Rua de S. João a quem se pediu o preço de 24 painelas de ferro, não esteve com meias medidas. Agarrou nelas e despachou-as e pronto. Mais de Coimbra mil escudos.

## DO QUE NÓS NECESSITAMOS

MAIS de algures, um pacote de roupas saudáveis, como vinha a dizer num bilheteinho. Saudáveis, sim, e primorosas. Ele há mãos que sabem dar! O Helder de Inhambane, na sua letra das primeiras 1 tras, manda uns *jurosinhos* para aqui, do atraso no pagamento do jornal. Inhambanefica no Ultramar. Mais 20\$ de Coimbra.

Mais 200\$ de Vila Franca das Naves. Mais 20\$ do Porto pelos seus 22 anos de feliz sacerdote. Quem teria sido? Eu nunca disse a ninguém! Mas é verdade e a carta veio no próprio dia. Mais 50\$ do Porto para o Barredo. Sim senhor; a um senhor da Beira, África Oriental, digo que se recebeu o fato. E também agora mais 500\$ para os Pobres do Barredo e mais 50\$ idem. A que distâncias não chega o Barredo?! Mais 50\$. Outro tanto do Caramulo. Mais 100\$ de Tomar. Mais 200\$ de Matosinhos. Mais de uma humilde professora de Beja 50\$. Mais 100\$ do Porto, por mão do Armando. Mais 40\$. Mais de Lourenço Marques 20\$ por não ter agora mais. A carta vem a falar do Piolho e de mais coisas belas da nossa casa; e o mais belo que ela tem, é isto de chamar pelos corações...! Mais do assinante 1251 uma nota de 100\$. Mais da Covilhã 20\$. Outro tanto de Coimbra. Da Foz, pelo segundo mês da Ana Bela, 100\$. Que maravilhosa associação de ideias?! E como Deus olharia para nós, se este fosse o nosso pensamento?! Assim, não. Assim, com as nossas ideias associadas às nossas coisinhas, Deus abandona-nos. Oh desgraça! Mais 50\$ pelo exame do nosso filho. Mais 200\$ para os Pobres do Barredo, de J. A. M. Mais 50\$ de Coimbra. Mais 150\$ de Lisboa, de um sargento ajudante R. A. L. Mais de um casal de Milheirós 250\$ para o Barredo. Este casal escreve e manda o linheiro do Gerez. É um dízimo. É uma contribuição muito feliz. Se eu tivesse tempo, havia de ir pelas Termas e Praias, pregar esta doutrina... Mais 40\$ de Tomar, da Mãe do Armandinho. Mais 100\$ do Porto. Outro tanto de Porto de Mós.

Deve ser muito procurada e muito lida esta secção de *O Gaiato*, por ser a voz do mundo. Todos acreditam no *do que nós necessitamos*. Veja-se, por exemplo, o caso da máquina de costura. Mal saiu o *Famoso* com aquele pedido, logo os agentes no Porto da *Husquarna* telefonaram ao Carlos Inácio se ele já tinha. E como este dissesse que não, horas depois estava ela, a máquina, no Lar de S. João da Madeira e eu, aqui, na algarbeira, com os quatro continhos de rei, que o Inácio pretendia acicar-me. Ora vejamos os senhores. Mas há mais. O Piolho tinha pedido um rádio para a cabeceira do nosso *Pai Américo*. Pois bem. Apas a notícia viu a luz do dia, logo apitou Lisboa. O agente de uma casa do género, no Porto, disse para o irmão buscar. Era um rádio de categoria, tamanho que nem caberia no *Morris*, se eu o tivesse aceitado. Escolhi, de preferência, um pequenino, para colocar à beira da cama. Só assim é meu. Assim oço música Piolho tomou a mil. Queria que eu tivesse trazido mas era o tal grande e ficava na nossa sala, diz ele. De onde se nota que, quase sempre é o guloso que pede para o desejo... Mais de Lisboa uma caixinha

com uma dúzia de canetas. E como se isto fora pouco, cada uma, trás sua carapuça de oiro reluzentel

Tenho-me aqui visto e desejado, porquanto a notícia corre na aldeia. Porém, até à data, não tem havido azar.

## BARREDO

Fui encontrar nos degraus do quinto piso, uma que tem por hábito demorar na soleira da porta e naquele dia não. Ela mora no sexto, mas quedou ali de cansada. Sentava-se num degrau e descansava o corpo debruçada sobre os mais; era um leito improvisado. Um chaile amarelo e felpudo que há te npos alguém me deu, dizendo ter sido de sua mãe, morta aos 90 anos; esse chaile, digo, tem sido a sua melhor peça das quatro estações do ano. Estava embrulhada nele. Conve samos. Ela quedava na mesma posição. *E' do coração, dizia Não posso subir as escadas.* Eu prometi voltar com alguma roupa. *Se fosse uma camisa* — e mostrava a pele nua. Desci pelo meio das costumadas recomendações: *olhe lá que não caia* e outras expressões assim carinhosas, que são justamente os arcos de triunfo que os pobres armam, no limiar das suas portas, a todos quantos os visitam por amor de Deus. Eis-me de novo nas ruas. Numa cadeira de lona descansava um corpo doente com a cabeça apoiada sobre um travesseiro. As mais vezes tem sido dentro, na cama; hoje era ali. Trata-se de uma rapariga nova, com o marido junto de si e ambos perdidos, segundo os recursos humanos. Ela chegou a ir, mas não entra no sanatório; era tarde! Tivesse sido quando ela chamou, talvez. Agora, que a chamam, não. Ela fala-me com o rosto coberto de lágrimas. Não compreende esta doutrina. Quer naturalmente salvar-se. *Arranje-me lugar num sanatório*, exclama de braços abertos. A este tempo tinha-se juntado um mar de visinhos a redobrar a súplica. Crianças esfaimadas ouviam. Três gatos ali ao pé, estavam de roda de uma galinha podre. Despedi-me do grupo. São horas amargas. Não há palavras. A resignação é fácil de pregar em casos aonde se vê o dedo de Deus, mas aqui anda a injustiça dos homens. Por isso não disse nada às lágrimas justas daquela doente. Meti por becos e encruzilhadas e fui ter à porta da que saíra da Maternidade, para quem tinha um recado. Encontrei-a com os seus dois filhos. O mais velho, de dois anos, é pouco maior do que o recém-nascido. A mãe responde ao meu espanto: *fome*. Não era preciso que ela o dissesse. De regresso às ruas largas, não me tive que não passasse novamente ao pé das lágrimas da que quer salvar-se. Parei um bocadinho. Disse-lhe que havia de voltar e ela responde com as mãos abertas e os braços suplicantes, — *eu quero ir para um Sanatório, Pai Américo*. E naquela atitude a deixei.

Desci uns degraus de pedra que dizem para os Mercadores e subi S. João. O tráfego era grande àquela hora. Tinha feito minhas e levava comigo, quentes, ainda, as lágrimas suplicantes da que se

## De como eu fui a Lisboa

Eram nove da manhã quando virei costas à nossa aldeia e horas depois estava em Miranda do Corvo ent e os meus dois padres. Tinha combinado ser naquele lugar e àquela hora a reunião do mês de Agosto. Só por muito combinados e bem entendidos é que nós somos capazes de governar. A força vem da nossa união. No final de uma, marca se o ponto e a hora da próxima reunião. Assim temos feito até que sejam mais os Padres da Rua. Enquanto formos só três temos de correr despojados e despidos, *sem saca nem bordão*. Nem no caminho podemos cumprimentar. Relações sociais são-nos vedadas. Olhar para trás, não devemos. Para a frente e a passos de gigante. Por duas horas ocupamos a nossa reunião. Inaugurou-se uma dependência da casa e eram cinco da tarde quando voltei costas a Miranda do Corvo. As sete estava no Lar de S. João da Madeira e jantamos. Foi caldo, foi carapaus e foi peras e foi vinho delicioso que o senhor Paulo tornou a dar. O senhor Paulo é o nosso visinho.

Eu cuido que foi por lhe ter nascido ultimamente o segundo filho, que ele, de tanta alegria que experimenta, quer que os mais participem. E manda uma garrafa dele. Bem haja. As dez estava no Lar do Porto, numa conferencia entre os maiores. Levou nos o tempo até à meia noite. Idades. Tendências. Discordâncias; oh dificuldade das dificuldades! No dia seguinte estava em Pedras Rubras. A nave subiu à tabela. De entre os passageiros, houve dois que me falaram das casas dos pobres e não ficaram por aqui; um senhor deu quinhentos escudos para um postigo e o outro para tijolos, deu metade. Quanto ao senhor do postigo, peço aqui licença para fazer uma janela. E não se zangue comigo por via do nome, que eu aprendi isto dos meus rapazes. Agora mesmo anda aqui muito falado o *senhor dos aviões*. Porquê? Porque o Superintendente em Pedras Rubras, foi ouvido e reconhecido por um dos vendedores, a proclamar entre amigos seus, que toda a gente havia de ter o *Gaiato*. O rapaz trouxe a notícia e agora, entre eles, não se fala outra coisa, é o *senhor dos aviões*! Me desculpe o *senhor do postigo* e eu vou fazer mas é uma janela. As onze horas comeci a falar com um dos nossos Ministros e deu meio dia; e deu meio dia e um quarto e ia prá meia quando de lá saí.

quer salvar; e nesta atitude, mergulhei no turbilhão das ruas. Era quase meio dia.

Em pequenina, na pia do baptismo, esta de quem falo agora tornara-se uma herdeira e entrou, sem favor nosso, para a família cristã. Foi Cristo Jesus que a fez Sua e por isso mesmo, — *nossa*. Desde aquele momento, admitida à mesa comum, é um membro do corpo nosso. Vale tanto como qualquer, porquanto Deus não faz escolhas. E nós não. Nós escolhemos! Não admitimos a nossa responsabilidade social e deixamos morrer quem nos estende a mão. Quam errados!

Tanto foi preciso para lhe acaçar um bocadinho de dinheiro. Eles estão cada vez mais seguros. Daquele seguiu para outros ministérios. Por muito ali tarimbar, os empregados deram em ser amáveis comigo e indicam os elevadores. Vem mesmo até à porta, encaixam-me lá dentro, carregam no botão e eu subo ou desço, consoante. Por muito tarimbar tenho chegado ali às culminâncias! Depois de tudo aviado tomo o caminho da Portela à espera do avião. Tinha uma hora. Instalei-me comodamente num banco muito cómodo. Tirei os óculos e apertei o rosto nas mãos. Ia ter e gozar meia hora de penumbra; mas não tive nem gozei nada. Um guarda enxotou-me. *O' senhor prior isto é a alfândega!* E eu desandei. Com medo de ser enxotado de outras dependências daquele posto, encstei-me e passei e tornei-me a encostar e tornei a passear com muitas saudades e muita necessidade daquela meia hora de penumbra, até que o alto falante chamou pelos passageiros e nós embarcamos. Por altura das Caldas ofereceram e eu escolhi café. É um café muito aromático que eu nunca dispensei. Desta vez, em lugar dum, deram dois paus de chocolate e calhou bem porquanto em Pedras Rubras estavam dois rapazes. As sete voavamos sobre E pinho. Via-se o Porto. O sol era de oiro. Quem for capaz que descreva Mais dois minutos e estávamos no campo. A Comissão entrega-me uma quantia de dinheiro com recado de que era a tripulação. Tanto de tão pouco! Deus ajude os tripulantes de todas as unidades em todas as suas carreiras. Que o nosso bom Deus lhes dê asas. Asas deles. Asas como eu desejo para mim! *Sicut columba*. Asas de pomba; brancas, ligeiras, imaculadas. Beleza. É desta beleza que Deus gosta. É esta que Deus ama. Sejam estas as asas dos voadores portugueses.

## FALTA DE TRABALHO

É o Verão. Nesta quadra do ano assim acontece. No entanto, muitos de vós tendes, concerteza, — nos escritórios, nas fábricas, nas repartições da papelada, nos estabelecimentos comerciais, enfim, em todas as particularidades da vida nacional — de entregar para execução, os mais diversos e variados serviços tipográficos. Pois bem. Reparti connosco. A nossa *Tipografia* — valor imponderável de sacrifícios de toda a ordem, significa quanto pode e até onde chega a ansia de amar. Mas se os componentes da extinta *procição* não cooperam com trabalhos, não podem funcionar as duas máquinas *minervas* de trabalhos comerciais, ao vosso inteiro dispor.

Esperamos confiantes, leitores do Minho ou do Algarve; do Alentejo ou das Beiras; do Douro ou da Estremadura, a *credencial*, se isso se lhe pode chamar, de como pertencem, ainda, a essa família tamanha — a da *procição* que recolheu! Quer dizer, não tirem por enquanto as opas... e enviem trabalho, muito trabalhinho!

Mais. Quem desejar, também, a impressão de jornais de preferência, género *boletim*, mensal ou quizenal — e agora passam pela minha memória Clubes, Grêmios, Sociedades Recreativas, Organismos diversos, etc. etc. — não aguardem por mais e mandem; mandem que os nossos pequenos tipógrafos cá estão para as curvas! E não se amedrontem; não há azar! O indispensável é os senhores não despirem a opa... encomendar trabalhos e os serviços executados chegarão ao destino, por intermédio dos C T T ou da C P. Vamos a ver se somos bem sucedidos... Têm todos a palavra.

J. M.

# ISTO É A CASA DO GAIATO

\*\*\* Os nossos dois tecelões são o Manuel Henriques (Hélio) e o Manuel Jorge da Figueira. Como aqui se diz, algures, no jornal, os dois estão actualmente a praticar em cheio na fábrica do Senhor Oliveira de Vizela. Mas veremos como eles se portam. Nem eu tomara o risco de os enviar, se eles não prometessem. Eis aqui uma prova do seu zelo:

6 metros de  
Correia  
para  
tear  
não temos  
Correia  
para trabalhar  
estamos privados  
Renato Hélio  
E. do E.

É uma requisição de 6 metros de correia, que Hélio fez ao pé do seu tear n.º 1 e, para não perder tempo, mandou um portador com ela ao meu escritório. Hélio passou agora para a terceira classe, daí as garatujas, mas o pensamento, a iniciativa, a curiosidade estão nas garatujas. Os fundadores da nossa Pátria parece que não sabiam ler. No meu simples entender, vale mais este bilhete do que uma dissertação, por isso mandei o rapaz para uma fábrica aonde os teares se contam por dezenas, tudo do melhor. Aquele estamos parados é excelente, sobretudo, considerando que o Manuel Henriques foi pedinte dos caminhos e, embora peregrinando, era um parado. Não dava um passo para a vida; um morto a caminhar para a morte.

Não temos correias para trabalhar, é uma outra formosa aflicção na alma do simpático Manuel, que revela ao mundo culpado o índice dos valores perdidos. Ele quer trabalhar. Uma vez posto no que é seu, ele quer ser o que na verdade é — um homem feito pelo trabalho. Porém, antes de encontrar a nossa porta, não era; e se a não tivesse encontrado, dificilmente seria um homem.

Temos um aqui em Paço de Sousa, que tem hoje 18 anos e é o pedreiro da casa. Já o pus na lista dos pressupostos ultramarinos. Assim me abram caminho e ele marcha imediatamente com a sua ferramenta. Pois bem. Este adorável moço, em pequenino, foi explorado por cegos ambulantes e suas mulheres ocasionais. Quanto não sofreu! Que seria dele? Hoje é.

O nosso Júlio II, um homem de boas qualidades e responsável pela ordem da nossa aldeia, fez-me chorar, quando me conta das vezes que se deitava sem comer, parado e perdido pelos caminhos. Hoje não. Hoje caminha. Tem gosto pela vida. Distingue. Ama.

O nosso Fernando Martins, (O Preta) também me dá lágrimas e indica-me os sítios onde ficava ao relento e das vezes que entrava nos calaboiços. Outro perdido e parado,

e mais dizia-se que caminhava.

Mas que estou dizendo? Para quê mais? Poderia encher de nomes este jornal. A história de um é a de todos; e todos eles, são a nossa história.

Sim, meus senhores e minhas ricas senhoras; não queiramos ser abstratos. Cada um de nós é um ser responsável. Quem tem culpa destes casos, há-de necessariamente dar conta deles. O Manuel Henriques, pedinte de Sedielos. O Manuel pedreiro, feito, à força, moço de cegos. O Júlio II, a curtir fome por Paredes de Coura. O Preta, a dormir ao relento e a comer cascas de fruta — todos tiveram um agente responsável. Se ainda o não fizeram, hão-de prestar contas, cada um pelo seu caso, concretamente. Dito destes, dito de todos quantos andam por lá. Porquê? Muito simples: Jesus padecer por cada um de nós. A palavra Humanidade é uma palavra. O Homem não é uma palavra. Desde o ventre de nossas mães cada um de nós, e por si, é objecto do Amor de Jesus. E Ele, então Juiz, pede contas a cada um, por cada um.

\*\*\* Amigo Moléstia, que é o António Martins de Fafe, de tanto ser doente aqui em casa, fez, enfim, a 4.ª classe e sabem os senhores qual a profissão que escolheu? Sabem...? Enfermeiro! Moléstia está hoje à prática no Hospital de Santo António. Quantas voltas e reviravoltas não tem dado este rapaz, desde o dia em que nos procurou, — quantas! Estará agora no fim ou teremos ainda mais quedas? Quem sabe? Quem pode dizer? Ele é tão difícil conhecer o incognoscível! Tantas surpresas de onde menos se espera! Mas eu confio. Primeiramente nos enfermeiros que o ensinam e nos professores que lhe tomam as lições. E se ele verdadeiramente se apaixonar, eu confio totalmente e cegamente nos seus doentes. Estes, pelo seu estado de dependência e gemidos de toda a hora, é quehão-de fazer do Moléstia um homem feliz. Assim ele aproveite.

## TRIBUNA DE COIMBRA

Porque somos pecadores, também nós temos que lidar com este meio que é o dinheiro. Já lhe ouvi chamar ferro e acho este termo muito expressivo.

Quem lida só com o ferro anda sujo. É necessário bastas vezes haver uma limpeza. Ora nós frequentemente andamos limpinhos. E foi numa destas ocasiões que encontrei um recibo para ir receber cinco contos da Câmara de Coimbra. Logo à saída encontrei uns cãesinhos e cheguei a casa esfarrapado. O dinheiro é um meio e não um fim. É uma senhora que foi ao Porfírio Delgado deixar um jogo muito lindo e curioso e instrutivo: — um amor. É um pequeno auxílio em favor de N. Senhora por uma graça concedida — cem. É um sem nome com cinquenta; e uma doentinha que mandou cá cem para casas para pobres, de que ainda havemos de falar, e cem para a Conferência e cem para o jornal e meio talher e roupas usadas e etc. Que o Senhor alivie as suas dores assim como ela quer as do seu semelhante. Eu já aqui pedi cotim, mas só ainda recebi uma carta com vinte a dar sinal de vida e a dizer para comprar uns calções de cotim. Já não preguei no deserto! E visitas do Lar Universitário que viram tudo e deixaram livros, revistas, açúcar, arroz e rebuçados. É uma menina visitante com cinquenta. Tudo de Coimbra. É um caixote de uma drogaria e loja de ferragens de Tomar com uma amostra de tudo. Eu nunca tinha visto tanta coisa; foi uma festa.

Cada vez estou a gostar mais de Tomar. É um vale com sessenta; e outro de Ponta Delgada com noventa. Atravessou mares e chegou são e salvo; po-

## PELAS CASAS DO GAIATO

**TOJAL** No dia 15 do mês passado estiveram cá mais de 100 meninas da J.O.C. de Lisboa. Vieram às 9 horas e abalaram só ao meio dia e meia hora. Assistiram à nossa Missa, e 50 delas comungaram juntamente com as senhoras da casa.

Algumas chamaram rapazes para lhes servirem de cicerones, e tiraram retratos a quase todos, e prometeram dá-los a alguns, assim como ao Risonho que já o tem na mão.

Nós ficamos muito contentes com estas visitas, e radiantes por serem nossas amigas e do senhor Padre Américo e da nossa Obra.

Foi também no dia quinze que foram daqui os onze jogadores, para um desafio contra os rapazes de Moscaide. O nosso team apresentou-se assim formado: Preto, Entroncamento e Marques, Setúbal, Sapo e Lapas, Tarzan, Mendonça, Simões, Parente, Emílio e Fala-Barato. Nós deslocamo-nos e mais uma vez jogamos sem botas de futebol! E para terminar o encontro nós perdemos mais uma vez por 4-1, e este foi metido pelo nosso avançado centro, Simões, que até enfiou o guarda-redes pela baliza dentro... Nós fomos até lá, mais por causa de fazermos uma festa de despedida a um dos deles, que vai para África.

Quando os nossos caros leitores nos oferecerem umas botas de futebol, poderemos nessa altura fazer melhor figura, e por isso eu lhes peço que não se esqueçam do grupo da Casa do Gaiato do Tojal.

CARLOS ALBERTO LOPES

**PAÇO DE SOUSA** Na semana passada o Pai Américo como tinha de ir a Coimbra, levou-me a mim, o Avelino e o Armando. A vinda para cá o Pai Américo viu a carteira e reparou que estava quase teso, pois os do Lar de Coimbra tinham-no depenado! Em vistas disto o Pai Américo disse-nos que andávamos cheios de sorte, pois nos ia levar à Curia, para admirarmos as maravilhas dessa formosa estância de turismo. Ficámos todos contentes com o passeio que nos oferecia, mas reparámos que ele não ia por causa da gente, mas sim para a carteira se encher. Mal lá chegámos, apareceu um senhor que nos foi mostrar o Palace Hotel e a piscina. Depois fomos posicionar para as esplanadas e para o parque, onde ainda tivemos de pagar 4\$00 pelas entradas... Começamos a andar de baixo para cima e de cima para baixo e tudo dizia: vai ali o Padre Américo, mas de croas é que nem rastos... Por fim lá viemos tão tesos como entramos!... O Pai Américo disse que os senhores da Curia é que eram espertos, pois não caíam nem por nada...

Recebemos da Conferência do Lar de Coimbra este postal dirigido ao Júlio:

«Temos na nossa Conferência uma pobre tuberculosa e o médico assistente receitou-lhe injeções de vitamina C e xaropes fortificantes como «Fortal» e como isto é muito caro, eu vinha pedir-te o favor, se houver aí algum remédio para o efeito, de me enviáres».

É a nossa resposta aos nossos caros colegas de Coimbra é muito triste, pois temos de lhes dizer que não. Não temos nem um centavo em caixa, mas confiamos. Vejam agora os nossos amigos leitores em que lençois estamos metidos. Os pobres a pedirem remédios e mais coisas e nós sem termos dinheiro! Entretanto, ficamos esperando e sempre confiando na vontade dos nossos estimados leitores, para depois repartirmos também pelos nossos amigos e camaradas vicentinos de Coimbra.

Todos os domingos aqui na Nossa Aldeia, continua a ser um mar de gente. São automóveis que se contam às centenas. São camionetes carregadinhas de gente. No último domingo esteve cá uma excursão dos Retalhistas de Mercearia. Trouxeram uma camioneta carregadinha com géneros de mercearia. Esteve também cá o Serafim e o Monteiro do Boavista. Andava quase toda a malta atrás deles. O Daniel que é o mais malandão e acode pelo Sporting, andava sempre a dizer-lhes que eles não jogavam nada; que eram uns pechotes, e eles riam-se com as diabruras do Daniel...

De todos os pedidos que aqui tenho feito, todos têm sido atendidos. O rádio para o Pai Américo já veio. As plantas para o Valete e a bola para o nosso grupo, também já tiveram resposta. A todos os que nos atenderam um muito obrigado.

Agora o pedido que vinha fazer era, para nós, os dos escritórios. Os Senhores sabem que andamos carregadinhas de serviço, com o aumento de assinaturas da «Campanha dos 50.000» e do nosso livro. É tanto que até temos de fazer serão!

E o que vinha pedir era uma bicicleta a motor. Nós temos cá uma bicicleta que anda muito pouco e por isso quando vamos a Penafiel receber os vales das assinaturas ou em serviço da nossa tipografia o Pai Américo ralha-nos sempre por demorarmos muito tempo. Como os senhores estão a ver a culpa não é nossa, pois as nossas pernas não podem fazer andar mais a bicicleta. Se os senhores nos mandassem uma a motor, era escusado o Pai Américo ralar-se com a gente e nós tínhamos mais tempo de sobra para adiantar os serviços. Os senhores não se esqueçam dos escriturários, porque nós somos bons rapazes...

FERNANDO MARQUES

dem mandar mais que não há receio. E a terminar, visitantes com cento e cinquenta.

PADRE HORÁCIO

**COIMBRA** Vamos a ver se os nossos amigos já se esqueceram de nós. Últimamente ainda não tivemos a alegria de ver entre nós um dos nossos admiradores. É pena. Já por cá há coisas novas para serem espalhadas através deste lindo Portugal. Estamos sempre à espera que nos venham visitar mas parece que os nossos amigos e leitores não dão com o caminho. Não esqueçam porque o nosso Lar fica na Quinta do Cidral, junto à Quinta dos Loios.

Há dias veio aqui a este Lar um casal de carro o qual nos deixou uns bolos que já saboreamos. Este casal não nos deixou agradecer mas agradeço-lhe agora. A este casal muito obrigado pela amável visita.

Senhores leitores! Precisamos de salvar uma rapariga relativamente bastante jovem que a tuberculose vai exterminando pouco a pouco, sem que ela tenha recursos para se escapar às garras. A razão principal porque aludo aqui no jornal este facto, é com o intuito de por meio deste angariar dinheiro ou medicamentos que possam salvar a vida, não só a vida da pobre rapariga mas também a de um filho com dois ou três meses.

JOSÉ MARIA FERNANDES

## Noticias da Conferencia da Nossa Aldeia

Meus senhores, reparem bem na notícia que vou dar. É um déficit já volumoso! Sim, a nossa conferência não pode solver os compromissos! Pois bem. Quem nos acode? Quem deseja acudir?

Nunca é demais relembrar que fornecemos diariamente litros de leite a velhos e doentes, e todos eles juntinhos no fim do mês perfazem uns escudos bem largos! No que toca a entregas semanais, a cada bico, é melhor passar a frente... E então os extraordinários? Adiante. Ontem liquidamos a talada da farmácia e aqui é que foram dores! Depenados ficamos — depenadinhos e sem um tostão! Mas não desanimamos; não senhor. Para a frente é que é o caminho. De entre vós há um, ou mais, que Deus designará para entrar com o indispensável. Estas contas serão jamais falíveis — enquanto houver quem precise da vossa ajuda, quem chore e se extinga aos poucos por fome, quem padeça por não ter medicamentos que suavizem e salem os males da espécie.

Se o pobre é de facto a imagem de Cristo, quem é tocado a saciar Jesus na sua pessoa, quem?

Mais. Não nos privem da consolação tão humana, de amar espiritualmente, pelo menos ao nosso alcance, os que consideramos, em face de Deus, nossos irmãos. Que tristeza! Deus nos livre de amanhã tornarmos o Sr. Dias ou o Sr. Júlio das Aguiaras a chorarem por fome! Deus nos livre. Isto, certamente, não sucederá. Mas por vezes somos tentados pelo desânimo — faz parte da nossa constituição; é a carne a falar. O espírito não; e vencemos. Temos de vencer o déficit, dentro das nossas forças e possibilidades. Nem que tenhamos de chatear muito os senhores, o que não sucederá, possivelmente.

Escrevam para Paço de Sousa, dirigindo-se à nossa conferência e os funcionários do CTT, encarregados de fazer chegar ao nosso alcance as vossas lembranças e que Deus faça bem a quem bem faz.

P.S. — Sim; temos quem se queixe de fome. Recebemos hoje uma queixa, dum doente que visitamos e que se não levamos comer, de nada lhe vale o tratamento... Tem razão e nós também...

J. M.

## EXCURSÕES

Entre as muitas que se apresentaram aqui todos os domingos, muito falada tem sido a dos Retalhistas de Mercearia, a qual se apresentou com várias forgonetes e uma camionete, cheias de ofertas, das suas lojas. Era um mar. De tudo quanto se procura e encontra nas mercearias, tivemos nós aqui. A caravana chegou ao meio-dia, foi para a malta comer seus merendeiros, tendo pedido para levar na sua companhia, cada família, cada rapaz dos nossos. Era já tarde quando se retiraram. O Sr. que guiava a comitiva, disse-nos que no próximo ano havia de ser mais e melhor. Amen, digo eu e até aquela data desejo a todos os Senhores bons negócios e muita saúde.